



## Aspectos Socioeconômicos da Mariscagem para as Comunidades Mem de Sá e Tinharé, Rio Vaza-Barris, Sergipe

Josevania de Oliveira <sup>1</sup>  
Edilma de Jesus Andrade <sup>2</sup>  
Rosemeri Melo e Souza <sup>3</sup>

### RESUMO

O estudo teve como objetivo identificar os aspectos socioeconômicos dos catadores de moluscos das comunidades Mem de Sá (Itaporanga D'Ajuda) e Tinharé (São Cristóvão), Sergipe. Para tal, foram realizadas visitas, aplicação de questionários nas duas comunidades e o método adotado foi “Bola de Neve” (*Snowball*). Em Mem de Sá e Tinharé, notou-se a presença de casas rústicas e pequenas, baixo grau de escolaridade, elevado número de membros por família, baixa renda familiar e a coleta de lixo irregular. Também se verificou que a mariscagem é realizada mais por mulheres e praticada de 02 a 07 dias por semana. Além disso, essa atividade tem contribuído com a economia das comunidades de Mem de Sá e Tinharé. Porém, os dados socioeconômicos obtidos apontam para uma situação de baixa qualidade de vida dos moradores e das condições ambientais nessas comunidades. Faz-se necessário um intercâmbio de informações entre poder público, comunidade científica e comunidades tradicionais para que desenvolvam projetos e ações que tornem a mariscagem uma atividade mais sustentável e valorizada.

**Palavras-Chave:** Manguezal; Comunidades Tradicionais; Mariscagem; Catadores.

<sup>1</sup> Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) pela Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil. [josioliveira@hotmail.com](mailto:josioliveira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Geologia e Paleontologia pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, HEIDELBERG, Alemanha. Docente na Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil. [edilmaa@gmail.com](mailto:edilmaa@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, UnB, Brasil; com período sanduíche em Centro de Estudos Geográficos - Universidade de Lisboa. Docente na Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5916-3598>. [rome@ufs.br](mailto:rome@ufs.br)

No Brasil, o processo de ocupação dos manguezais deveu-se ao fato da maior parte da população brasileira instalar-se na zona litorânea, por razões históricas e econômicas. Segundo Vasconcelos, Aranha, & Lima (2012), a degradação ambiental dos manguezais causa muitos entraves ao trabalho e à vida das marisqueiras e dos pescadores, na medida em que atinge o meio de subsistência familiar, reduzindo o espaço geográfico de extração, prejudicando a qualidade do pescado, além de contribuir para a diminuição dos estoques pesqueiros. Nishida, Nordi, & Alves (2008) destacaram que a condição socioeconômica das marisqueiras, bem como os seus conhecimentos sobre a biologia dos recursos que exploram, devem ser considerados na elaboração de planos de manejo relacionados a essas áreas. Para Nishida (2000), os catadores de moluscos são grupos economicamente marginais, excessivamente pobres e pouco reconhecidos pelos outros pescadores artesanais no Nordeste Brasileiro. Para Melo (Melo 2015, 34), marisqueiras:

[...] São mulheres apontadas na categoria de pescadoras artesanais por trabalharem de forma manual na extração de moluscos, como a ostra, o marisco e o sururu. Sua atividade de trabalho é denominada de catação, porque consiste em efetivamente procurar extrair da areia cada unidade de molusco, por isso são nomeadas também de catadoras de mariscos. A finalidade é complementar a renda da família, ou seja, ajudar o marido nas despesas da casa [...]

Sob a perspectiva social e econômica, os manguezais oferecem inúmeros bens e serviços para as populações humanas, principalmente para as comunidades ribeirinhas que mantêm relação de grande dependência com os recursos oferecidos por esse ecossistema. A madeira que é extraída do manguezal é utilizada como lenha, construção de casas e barcos. Os organismos que habitam esse ambiente, como moluscos, crustáceos e peixes, são usados como alimentação e fonte de renda. Também possuem importância cultural, servindo como espaços de recreação, lazer e turismo, bem como valor estético e espiritual para as pessoas que com este ecossistema se relacionam (Maciel 1991; Vannucci 1999).

Estudos relacionados à atividade de mariscagem e aos aspectos socioeconômicos das comunidades costeiras têm sido realizados no Brasil, a exemplo: Nascimento & Araújo (2007), Nishida, Nordi, & Alves (2008), Jesus & Prost (2011), Freitas et al. (2012), Perazzo (2012), Walter, Wilkinson, & Silva (2012), Nogueira (2013), Daltro (2013), Castilho-Westphal et al. (2014), Evangelista-Barreto et al. (2014), Menezes & Campos (2014), Caetano (2014), Oliveira et al. (2016), Ribeiro et al. (2017), Costa & Teixeira (2017), Santos, Evangelista-Barreto, & Barreto (2017), Pereira et al. (2018), Antonio et al. (2019) e Cidreira-Neto, Fragoso, & Rodrigues (2019).

O estado de Sergipe oferta uma diversidade de atrações turísticas, com destaque para os rios Vaza-Barris e Sergipe que apresentam um admirável cenário de estuários, onde a presença dos manguezais oferece mariscos e crustáceos que são largamente utilizados e apreciados na culinária

sergipana. Porém, nas últimas décadas, com incremento das atividades turísticas passou a ser alvo prioritário das estratégias governamentais e da iniciativa privada, provocando desequilíbrio ecológico e redução dos recursos naturais pesqueiros presentes nesse ecossistema. Segundo Almeida (2008), os principais impactos ambientais nos manguezais sergipanos, incluindo do Vaza-Barris, são a retirada de madeira, despejo industrial e orgânico, presença de viveiros, salinas e o turismo desordenado.

Nos municípios de Itaporanga D'Ajuda e São Cristóvão, muitas famílias que residem nas proximidades do Vaza-Barris têm a mariscagem e a pesca artesanal como única fonte de renda ou complemento. Além disso, o rio serve também como lazer da população local e, ultimamente, vem atraindo pessoas de outras cidades e estados, que compram terrenos e constroem casas de veraneio. Nishida, Nordi, & Alves (2008) ressaltam que a exploração de moluscos tem de grande relevância social na vida das comunidades litorâneas, visto que muitas pessoas residentes em áreas próximas aos manguezais sobrevivem direta ou indiretamente dessa atividade, contribuindo para a intensa coleta desses organismos. Os principais moluscos explorados nas comunidades sergipanas são as ostras de mangue, pertencentes ao gênero *Crassostrea*, o sururu *Mytella* e o berbigão *Anomalocardia*.

As comunidades tradicionais Mem de Sá e Tinharé, localizam-se nas áreas costeiras e ribeirinhas de Itaporanga D'Ajuda e São Cristóvão, respectivamente, formadas, geralmente, por famílias pobres, que dependem diretamente dos recursos pesqueiros naturais para sua subsistência, como por exemplo, as ostras (Nascimento and Araújo 2007). As ostras são moluscos bivalves, pertencentes à família Ostreidae, que se caracterizam por apresentar hábitos filtradores, se alimentando, principalmente, de microalgas presentes no ambiente marinho.

Nesse contexto, *Crassostrea brasiliiana* é uma espécie de ostra nativa do litoral sergipano, que apresenta uma grande capacidade de adaptação, podendo ser encontrada em substratos duros (rochas e raízes) e em diferentes condições ambientais. Encontra-se de forma abundante nessa região e a facilidade de captura torna a exploração mais frequente, com importância econômica e social (Siqueira 2008). Pode apresentar, simultaneamente, indivíduos machos, fêmeas e hermafroditas. A predominância de um determinado sexo dentro de uma mesma população está relacionada a variação de salinidade. Os representantes dessa espécie desovam durante todo o ano, sendo que a maior taxa de desova ocorre de dezembro a maio. Esse processo é estimulado, naturalmente, por meio do aumento da temperatura. A maturação dos indivíduos ocorre, normalmente, quando atingem aproximadamente 20 mm de comprimento. O desenvolvimento da espécie inclui quatro fases larvais: trocófora, larva D, umbo e pedivéliger. A duração do período larval ocorre entre 20 a 22 dias no plâncton (Gomes 2009; Amaral 2010).

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

Em Mem de Sá e Tinharé, os mariscos (ostras) extraídos do manguezal pelas catadoras são relevantes na pesca artesanal em Sergipe por contribuírem para o enriquecimento da alimentação das comunidades litorâneas e também por apresentarem papel importante na economia. De acordo com Nishida, Nordi, & Alves (2008), por meio do levantamento do perfil socioeconômico das comunidades ribeirinhas é possível contribuir com informações relevantes para caracterizar o contexto em que se dá a atividade de mariscagem nas áreas estuarinas.

O presente estudo teve por objetivo identificar os aspectos socioeconômicos dos catadores de moluscos das comunidades de Mem de Sá (Itaporanga D'Ajuda) e Tinharé (São Cristóvão), situadas às margens do estuário do rio Vaza-Barris (SE), bem como compreender melhor as condições de vida das famílias e sua relação com o manguezal como fonte de renda e alimentos, especialmente no tocante à coleta de ostras do gênero *Crassostrea*. Busca-se ainda fornecer subsídios para o desenvolvimento de novos estudos e projetos relacionados às comunidades tradicionais e a mariscagem, no que diz respeito aos aspectos socioeconômicos e ambientais.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

### **ÁREAS E COMUNIDADES DE ESTUDO**

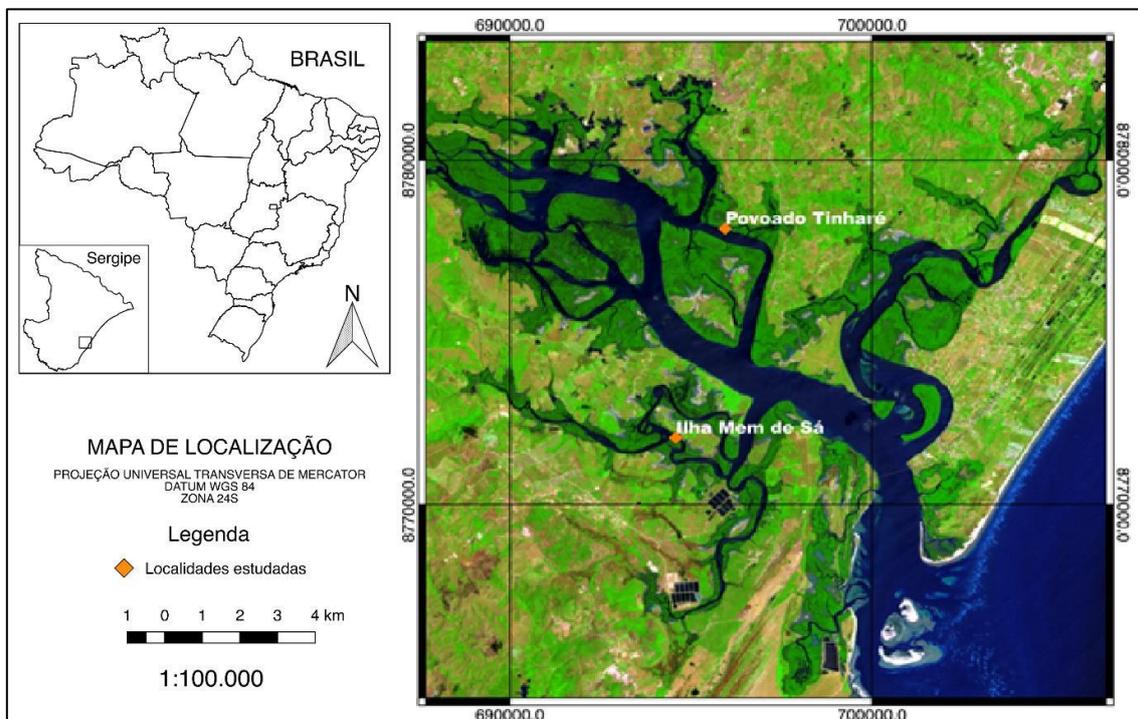
As comunidades estudadas pertencem aos povoados Mem de Sá e Tinharé, localizados nos municípios de Itaporanga D'Ajuda e São Cristóvão, respectivamente (Figura 01). Mem de Sá situa-se em uma ilha fluvial presente no estuário do rio Vaza-Barris (11°29'26"S e 06°46'W), a aproximadamente 23 km da sede do município de Itaporanga D'Ajuda e a 53 km de Aracaju, capital do estado de Sergipe. Apresenta uma população que corresponde a cerca de 375 habitantes (75 famílias) (Aragão and Melo e Souza 2011). Encontra-se inserida em uma área de preservação ambiental (APA) do Litoral Sul do estado de Sergipe, a qual se relaciona à proteção e conservação da fauna e flora, assim como dos atributos estéticos e culturais presentes, relevantes para a qualidade de vida da população local e para a proteção dos ecossistemas regionais. A ilha foi povoada por três famílias que, ao longo do tempo, estabeleceram uma íntima relação com o meio ambiente circundante (restinga e mangue), fazendo da pesca e da mariscagem relevantes atividades econômicas, bem como o cultivo da mandioca e o aproveitamento do coco (Curado et al. 2009; Aragão and Melo e Souza 2011; Santos et al. 2013).

Tinharé é um povoado pequeno, situado a 6 km do Centro Histórico de São Cristóvão e inserido na área de estuário, nas proximidades da foz do rio Vaza-Barris, onde a vegetação predominante é o mangue. A população de aproximadamente 550 habitantes, conta com um cemitério e duas igrejas, uma católica e outra evangélica. A única escola presente no povoado foi desativada

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

recentemente e, com isso, os moradores frequentam a escola mais próxima, que está localizada no povoado Pedreiras ou se deslocam até a sede da cidade (Torres 2014; Oliveira 2019). Não possuem posto de saúde, contando com uma visita médica a cada 15 dias e com um centro comunitário onde são realizados os festejos da comunidade. Grande parte dos moradores são pescadores, que exercem essa atividade tanto para o consumo da própria família como para comercialização. Outras atividades também são desenvolvidas no povoado para subsistência, como atividades agrícolas, com pequenas roças de cultivo de mandioca, macaxeira, feijão, milho, batata, inhame, entre outros, e criação de animais (aves e bovinos).

**Figura 01.** Área estuarina do rio Vaza-Barris. Em destaque as comunidades pesquisadas: Mem de Sá (Itaporanga D’Ajuda) e Tinha­ré (São Cristóvão), Sergipe.



Fonte: CPRM (2019), EarthExplorer

O complexo constituído pelo estuário e o manguezal adjacente do rio Vaza-Barris apresenta uma fauna e flora adaptadas, com muitos organismos que têm esses ambientes como hábitat permanente ou temporário. Muitas espécies de animais, além de apresentar relevância ecológica, também são capturadas pela população ribeirinha para consumo e comercialização. Na área de estudo, a fauna destaca-se por apresentar uma maior diversidade de peixes, moluscos e crustáceos. Dentre as espécies de moluscos, a ostra *C. brasiliiana* tem chamado atenção no litoral sergipano, pois além de apresentar relevância ecológica, representa um importante recurso nutricional e econômico para as comunidades costeiras, principalmente em Mem de Sá e Tinha­ré.

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

A vegetação que compõe o manguezal vem sendo bastante explorada, principalmente as árvores, que constituem complementos básicos na construção das moradias e artefatos de pesca pelos ribeirinhos. Diante disso, Carvalho & Fontes (2007) chamaram atenção de outras atividades antrópicas presentes no manguezal do Vaza-Barris, como a existência de viveiros e tanques para o cultivo de camarão nas franjas do manguezal, além de desmatamentos ao longo das margens e no interior das ilhas, as quais estão relacionadas com os empreendimentos imobiliários e algumas locações da Petrobras.

## COLETA DOS DADOS

Após o levantamento bibliográfico, foram realizadas viagens por terra e em embarcações a motor ao longo do estuário do rio Vaza-Barris, com o intuito de conhecer as comunidades de Mem de Sá e Tinharé que exercem a atividade de mariscagem, e suas lideranças. A identificação dos participantes na pesquisa foi mantida em sigilo (de acordo com o comitê de ética), com a finalidade de assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações obtidas. Além disso, antes da aplicação do questionário foi explicado e esclarecido para os participantes a finalidade da pesquisa. A partir das informações obtidas foi criado um banco de dados, o qual foi analisado e apresentado em tabelas de frequência. A fim de obter informações que permitissem identificar os aspectos socioeconômicos da população de catadores de moluscos dessas comunidades, foi realizada a aplicação de questionários semiestruturados a um grupo de marisqueiros do povoado Mem de Sá (n=10), em Itaporanga D'Ajuda, e Tinharé (n=14), em São Cristóvão. O método utilizado foi "Bola de Neve" (*Snowball*), no qual os informantes (marisqueiros) foram entrevistados e convidados a indicar novos possíveis informantes para a pesquisa (Bernard 1995). Esse método permitiu localizar indivíduos com perfil necessário para o estudo, ou seja, especialistas locais que vivem exclusivamente da catação de moluscos e que têm sua renda complementada com a venda desse recurso. Para melhor compreender as condições socioeconômicas das comunidades estudadas, foram considerados dados relacionados aos aspectos demográficos, sociais, econômicos e sobre o extrativismo da ostra.

Os aspectos demográficos referem-se à caracterização do entrevistado, tendo em vista os seguintes parâmetros demográficos: sexo, idade, raça, número de filhos. Os indicadores sociais estão relacionados ao nível de escolaridade, condição da residência, tempo que residem na área, fonte de abastecimento de água e coleta de lixo. Os indicadores econômicos consistem na identificação das atividades geradoras de renda, a renda média familiar e as transferências governamentais recebidas pelas famílias. As informações levantadas sobre o extrativismo de ostras destinaram-se a conhecer o tempo de mariscagem, consumo de ostra, dias por semana que coletam, quantidade de horas por dia que

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

realizam a coleta, destino, mudanças na quantidade, tamanho e qualidade da ostra, proximidade dos bancos de ostra com fontes poluidoras e se o rio Vaza-Barris é poluído.

Devido à falta de uma base de dados que contenha informações sobre o quantitativo de habitantes de Mém de Sá e Tinharé que exercem a atividade de mariscagem, torna-se difícil estabelecer, para fins de tamanho amostral, a verdadeira população de marisqueiros dessas comunidades. Um dos fatores que contribuem para a dificuldade na identificação do total de marisqueiros está no baixo número de vínculos cadastrais na associação de pescadores, tendo em vista que muitos indivíduos que atuam na mariscagem não possuem capacidade financeira para pagar continuamente a taxa mensal da associação, e a falta de pagamento implica no cancelamento do cadastro.

No primeiro momento da pesquisa, em agosto de 2016, os questionários foram aplicados a 10 marisqueiros da comunidade Mem de Sá (Figuras 02 e 04), em Itaporanga D'Ajuda, Sergipe. Em um segundo momento, maio de 2017, os questionários foram aplicados a 14 marisqueiros residentes no povoado Tinharé (Figuras 03 e 05), em São Cristóvão, Sergipe. O questionário (Anexo I) contém tópicos referentes à faixa etária, grau de escolaridade, coleta de lixo, renda familiar, tempo que reside na área, atividade de mariscagem, consumo e destino da ostra, fontes poluidoras, entre outros.

**Figura 02.** Ilha Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, Sergipe. A e B: Vista do estuário do Vaza-Barris e do ecossistema manguezal; C e D: Vista da comunidade no povoado Mem de Sá.



Fonte: Os Autores.

**Figura 03.** Vista do estuário do Vaza-Barris e do ecossistema manguezal, povoado Tinharé, São Cristóvão, Sergipe (maio/2017).



Fonte: Os Autores.

**Figura 04.** Aplicação dos questionários aos marisqueiros e/ou pescadores da comunidade Mem de Sá, Itaporanga D’Ajuda, Sergipe (agosto/2016).



Fonte: Os Autores.

**Figura 05.** Aplicação dos questionários aos marisqueiros da comunidade Tinharé, São Cristóvão, Sergipe (maio/2017).



Fonte: Os Autores.

Um dos pontos relevantes na composição amostral foi a participação de apenas adultos como respondentes, com a exclusão de crianças e idosos acima de 60 anos. O procedimento de cadeia de referências resultou na indicação de indivíduos na faixa etária entre 20 e 60 anos ao longo das redes que compõem as duas amostras. Porém, verificou-se que muitos dos indivíduos respondentes possuem filhos abaixo dos 20 anos que auxiliam na atividade de mariscagem, ou parentes acima de 60 anos que

contribuem indiretamente. Em todo caso, a amostra é válida para a população adulta de marisqueiros de ambas as comunidades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em relação ao gênero, do total de entrevistados (Tabela 01) foram sete mulheres (07) e três homens (03) na comunidade Mem de Sá e 11 mulheres e três homens no povoado Tinharé. Segundo Dias, Rosa, & Damasceno (2007), a mariscagem é basicamente realizada por mulheres, caracterizada como uma atividade que permite a realização simultânea do serviço doméstico. Para Aragão, Curado, & Melo e Souza (2010), na ilha Mem de Sá existem relações e divisões sociais bem definidas: a pesca apresenta-se como atividade tipicamente masculina e a mariscagem como uma atividade predominante das mulheres, assemelhando-se com o que ocorre na comunidade de Tinharé. Os autores ainda relataram que coube às mulheres, no passar dos anos, o papel de marisqueiras, que dominam junto com seus filhos as margens das regiões estuarinas ou dentro dos manguezais, com a coleta de ostra<sup>4</sup>.

A faixa etária variou entre 20 a 56 anos em Mem de Sá e de 20 a 60 anos em Tinharé, com predominância acima de 31 anos em ambas as comunidades (Tabela 01). De acordo com Evangelista-Barreto et al. (2014), essa atividade não é atrativa para os jovens, principalmente em locais próximos a grandes centros urbanos, onde a oferta de emprego e renda tende a ser maior. Além disso, esses autores afirmam que essa realidade é comum nos diferentes estados brasileiros.

Em relação à raça, todos os entrevistados da comunidade Mem de Sá se identificaram como pardos, sendo similar para Tinharé, visto que do total de 14 entrevistados apenas um se reconheceu como amarela (Tabela 01). É um resultado diferente do que foi registrado por Castilho-Westphal (2012) para a comunidade de Baía de Guaratuba, litoral do estado do Paraná, onde foi observado predomínio de indivíduos de cor branca e uma porcentagem menor de pardos dentro do número de extratores de ostra pesquisados.

Com relação ao grau de escolaridade em Mem de Sá, todos os homens declararam ser alfabetizados, e as mulheres não concluíram o nível fundamental, com exceção de uma que não foi alfabetizada. Isso foi diferente do observado para Tinharé, onde dois homens declararam ser alfabetizados e um apresentou o ensino fundamental incompleto; para as mulheres, quatro não foram alfabetizadas, uma foi alfabetizada e seis têm o ensino fundamental incompleto (Tabela 01).

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que a quantidade de homens e mulheres da amostra não foi escolhida intencionalmente durante a aplicação do questionário, mas sim seguido o método “Bola de Neve”, em que há uma cadeia de referência até que se chegue em um ponto de saturação da rede.

**Tabela 01.** Dados socioeconômicos de marisqueiros das comunidades Mem de Sá (2016), Itaporanga D'Ajuda, e Tinharé (2017), São Cristóvão, Sergipe.

Variáveis	Mem de Sá		Tinharé		
	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	
Sexo	Feminino	7	70%	11	78,6%
	Masculino	3	30%	3	21,4%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Faixa Etária	20 anos	2	20%	1	7,1%
	Entre 21 e 30 anos	3	30%	2	14,3%
	Acima de 31 anos	5	50%	11	78,6%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Raça	Amarela	0	0%	1	7,1%
	Parda	10	100%	13	92,9%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Nível de Escolaridade	Analfabeto	1	10%	4	28,6%
	Alfabetizado	4	40%	3	21,4%
	Ensino fundamental incompleto	5	50%	7	50%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Possuem Filhos	Sim	8	80%	12	85,7%
	Não	2	20%	2	14,3%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Número de Filhos	<2 filhos	3	30%	5	35,7%
	Entre 3 e 5	5	50%	5	35,7%
	Acima de 6	2	20%	4	28,6%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Tempo que Reside na Área	Até 2 anos	0	0%	0	0%
	Entre 2 e 4 anos	0	0%	0	0%
	Acima de 5 anos	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Renda Familiar	Até 1 salário mínimo	10	100%	14	100%
	Entre 2 e 3 salários mínimos	0	0%	0	0%
	Acima de 3 salários mínimos	0	0%	0	0%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Cadastro em Associação	Sim	10	100%	10	71,4%
	Não	0	0%	4	28,6%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: Os Autores.

Durante a aplicação dos questionários na primeira comunidade, os moradores relataram as dificuldades para se chegar até a escola de Itaporanga D'Ajuda, tanto ao tempo quanto ao transporte fluvial, pois na comunidade só há uma escola que ensina até o 4º ano. Na segunda comunidade, os pesquisados citaram a falta de tempo aliada à necessidade de ajudar os pais na renda familiar. Confrontando esses dados com aqueles obtidos por Monteles et al. (2009) para as marisqueiras do município de Raposa (Maranhão), notou-se semelhança, pois também foi constatado baixa escolaridade, sendo grande parte analfabetos ou com ensino fundamental incompleto. Santos (2005) chama atenção para um aspecto relevante, a falta de tempo associada à incompatibilidade entre o

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

horário de trabalho e estudo, dificultando que os marisqueiros e/ou pescadores frequentem cursos regulares nas escolas locais.

Grande parte dos entrevistados tanto em Mem de Sá quanto em Tinharé tem filhos, sendo que em ambas comunidades apenas dois entrevistados não têm filhos (Tabela 01). Em relação à taxa de natalidade, o número de filhos variou de zero a sete por marisqueira na ilha Mem de Sá, e em Tinharé de zero a dez, sendo semelhante aos registrados por Freitas et al. (2012) para a comunidade de Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, que variou de zero até 12 filhos. Apesar das dificuldades (social e econômica) apresentadas pelos pesquisados da ilha Mem de Sá, os mesmos informaram que gostam de viver lá e que são felizes, a tranquilidade e segurança para seus filhos são fatores relevantes que os fazem permanecer vivendo na ilha.

Todos residem há muito tempo na área e muitos nasceram na ilha Mem de Sá. Em Tinharé, a situação não é diferente, pois todos os pesquisados nasceram ou chegaram ao povoado ainda criança (Tabela 01). Mamede (2012) averiguou que grande parte das marisqueiras de Candeias (Bahia) residem na comunidade há um período de 19 a 30 anos, e muitos nasceram e vivem lá até hoje. Além disso, grande parte das marisqueiras tem longo tempo de exercício, e isso se deve ao início precoce da atividade: não raramente começam a aprendizagem do ofício desde a infância, herdando a maioria os valores dos seus pais.

Como pode ser observado na tabela1, todos os entrevistados (Mem de Sá e Tinharé) apresentaram renda familiar mensal de até um salário mínimo. Embora, grande parte dos entrevistados viva da extração de moluscos, todos apresentaram renda mensal inferior ou igual a um salário mínimo. Segundo Furtado et al. (2006), mesmo com a baixa remuneração, a coleta de moluscos realizada em manguezais ainda é considerada a segunda maior fonte de renda das comunidades ribeirinhas. De acordo com Castilho-Westphal (2012), a mariscagem muitas vezes é a principal fonte de renda das famílias envolvidas, ou complementar à renda oriunda de atividades assalariadas. Já no estudo realizado por Nascimento & Araújo (2007) nas comunidades de Sambaíba e Quilômetro (Ceará), constataram que as comunidades apresentavam diferenças marcantes em termos de qualidade de vida, principalmente determinadas pela condição de infraestrutura nas comunidades e proximidade à sede do município. Em geral, o extrativismo de ostra mostrou-se pouco expressivo como fonte de renda para as comunidades mencionadas.

Todos os entrevistados de Mem de Sá têm cadastro na associação e recebem algum tipo de benefício do governo, como por exemplo, a bolsa família e seguro defeso. Já em Tinharé, 71,4% têm cadastro na associação e 28,6% não têm; esses últimos relataram a falta de dinheiro para manter o

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

pagamento da taxa mensal que é cobrada pela associação (R\$5,00 por mês), e por isso tiveram seus cadastros cancelados, ficando assim sem receber o seguro defeso (Tabela 01). Além disso, alguns moradores de Tinharé mencionaram o atraso em relação ao pagamento do seguro defeso e muitas vezes ficam sem alternativa de renda, recebendo apenas, em algumas situações, a bolsa família. Freitas et al. (2012) ressaltaram a relevância da criação de uma Associação exclusiva e Cooperativa para as marisqueiras com a finalidade de valorização do seu trabalho. De acordo com Cavalcante (2011), essas informações são semelhantes às registradas para a comunidade de Canavieiras, Bahia, pois os pescadores, bem como as marisqueiras, recebem bolsa família, e o seguro defeso é outro benefício para fomentar a instrução de seus filhos. Segundo Maia (2009), seguro defeso refere-se a uma ajuda financeira temporária fornecida aos pescadores profissionais artesanais que, na época do “defeso”, são forçados a interromper a sua atividade para manutenção das espécies. O seguro defeso tem valor de um salário mínimo.

Em Mem de Sá, a água utilizada nos domicílios (Tabela 02) é proveniente de rede de distribuição da Companhia de Saneamento de Sergipe (Deso). Porém, os moradores chamaram atenção para a baixa qualidade da água, ressaltando que eles não bebem dessa água, apenas utilizam para uso geral. No povoado Tinharé, todos os entrevistados utilizam água proveniente de poços artesiano (Tabela 02). Curado et al. (2009) enfatizam que a água que chega em Mem de Sá não é o suficiente para o abastecimento permanente de todas as moradias. Isso é diferente do que foi observado por Cavalcante (2011) na sede da comunidade da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia, onde grande parte dos entrevistados relataram que têm acesso à água potável e tratada, ao contrário do que ocorre nas comunidades mais distantes da sede, que não têm essa oferta de serviço. Além disso, esses moradores abrem poços artesanais para captar água para as necessidades domésticas, como ocorre em Tinharé. Muitas vezes esses poços localizam-se nos quintais de suas casas, e próximos às fossas, tornando a água imprópria para o uso doméstico.

**Tabela 02.** Dados socioeconômicos relacionados às condições de moradia dos marisqueiros da comunidade Mem de Sá (2016), Itaporanga D’Ajuda, e Tinharé (2017), São Cristóvão, Sergipe.

Variáveis		Mem de Sá		Tinharé	
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Abastecimento de Água	Água encanada	7	70%	0	0%
	Corpos d’água (rios)	1	10%	0	0%
	Poços ou cisternas	2	20%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Coleta de Lixo	Coleta Pública	10	100%	8	57,1%
	Queima	0	0%	6	42,9%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: Os Autores.

Com relação ao lixo domiciliar, os moradores de Mem de Sá levam o lixo para um ponto de coleta na ilha, onde é recolhido pelo serviço de coleta da prefeitura local; essa atividade ocorre uma vez por semana (Tabela 02). Em Tinharé, 57,1 % dos pesquisados têm o seu lixo coletado duas vezes por semana pelo serviço de coleta da prefeitura local (esse serviço ocorre apenas nas principais estradas do povoado), enquanto que 42,9% queima seu lixo ou descarta em cisternas abandonadas (Tabela 02). Os dados relacionados ao lixo se assemelham às informações obtidas por Freitas et al. (2012) para a comunidade de Barra Grande (Piauí), visto que grande parte dos residentes dessa comunidade utilizam-se da coleta pública, alguns deixam seu lixo a céu aberto, e um baixo número queima ou enterra o lixo doméstico. Lopes & Guedes (2013) verificaram que, na comunidade de Macaíba (Rio Grande do Norte), 60% dos entrevistados responderam que o lixo é coletado pela prefeitura, 20% revelaram que descartam o lixo a céu aberto, próximo às suas casas e os demais queimam ou enterram o lixo em seus quintais, ficando expostos a agentes infecciosos.

Os entrevistados residem em Mem de Sá há mais de cinco anos, visto que grande parte nasceu e permanece na ilha até o presente momento. O mesmo foi observado para a comunidade de Tinharé (Tabela 03). Todos os entrevistados (Mem de Sá e Tinharé) realizam atividade de mariscagem há mais de cinco anos no estuário do rio Vaza-Barris. Muitos ressaltaram que desde criança acompanhavam seus pais neste tipo de atividade. Isso se assemelha ao observado por Monteles et al. (2009) no município de Raposa, Maranhão, pois a maioria dos marisqueiros afirmaram exercer a mariscagem há muitos anos e que iniciaram ajudando seus pais quando crianças.

Dentre os 10 entrevistados em Mem de Sá, seis mencionaram que consomem ostras quando não conseguem vender e quatro falaram que não consomem porque não gostam (Tabela 03). Já em Tinharé (Tabela 03), todos os pesquisados enfatizaram que consomem ostra e ainda relataram que gosta bastante do marisco e só não consomem mais porque é preciso vender para obter a renda familiar. Santos (2006) ressalta que a ostra traz benefício à saúde humana, sendo rico em proteínas de alta qualidade e de rápida digestibilidade, bem como é rica em aminoácidos essenciais como a lisina e importante fonte de vitamina A e D. Além disso, contém tiamina e riboflavina; fonte de ferro, fósforo e cálcio, sendo o pescado marinho fonte de iodo, contendo, ainda, ácidos graxos necessários ao desenvolvimento do cérebro e do corpo humano. No estudo realizado por Mamede (2012), na comunidade Candeias, na Baía de Todos Santos (Bahia), foi verificado que poucas marisqueiras consomem ostra e muitas vezes consomem porque não conseguem vender.

No que se refere à periodicidade da realização da atividade de mariscagem, todos os entrevistados de Mem de Sá citaram que coleta todos os dias da semana, com exceção dos homens que,

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

quando surge outra atividade como, por exemplo, ajudante de pedreiro, deixam de ir para a coleta (Tabela 03). Na comunidade de Tinharé, os 14 entrevistados praticam a mariscagem todos os dias da semana, inclusive fica de três a quatro dias fora de casa, principalmente quando os pontos de coleta dos mariscos ficam distante do povoado. Durante esse tempo, os marisqueiros se abrigam em cabanas construídas com madeiras e palhas. Os dados aqui apresentados são semelhantes aos obtidos por Mamede (2012), visto que grande parte das marisqueiras na comunidade de Candeias, na Baía de Todos os Santos (Bahia), praticam essa atividade pelo menos quatro dias na semana. Com relação ao tempo que passam na coleta, todos responderam que só voltam quando a maré enche, o que também foi observado por Mamede (2012), porém algumas marisqueiras de Candeias trabalham de domingo a domingo, ficando em torno de 90 horas/mês no manguezal.

**Tabela 03.** Dados sobre a mariscagem em Mem de Sá (2016), Itaporanga D’Ajuda, e Tinharé (2017), São Cristóvão, Sergipe.

Variáveis		Mem de Sá		Tinharé	
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Tempo de Mariscagem	< 2 anos	0	0%	0	0%
	Entre 2 e 4 anos	0	0%	0	0%
	Acima de 5 anos	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Consumo de Ostra	Sim	6	60%	14	100%
	Não	4	40%	0	0%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Dias por Semana que Coletam Ostra	Até 2 dias	0	0%	0	0%
	Entre 3 e 4 dias	0	0%	0	0%
	Acima de 4 dias	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Quantidade em Horas/Dias que Mariscam	Até 2 horas	0	0%	0	0%
	Entre 2 e 4 horas	0	0%	0	0%
	Acima de 5 horas	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Destino das Ostras	Consumo próprio	0	0%	0	0%
	Feira livre	0	0%	10	71,4%
	Diretamente a compradores	10	100%	4	28,6%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: Os Autores.

No tocante ao destino das ostras coletadas (Tabela 03) em Mem de Sá, todos relataram que vendem diretamente a proprietários de bar e restaurante local, ou para compradores que chegam à ilha à procura do marisco. Diferentemente, em Tinharé (Tabela 03), grande parte (71,4%) dos marisqueiros vende em feira livre (São Cristóvão e Aracaju) e uma menor parte (28,6%) vende diretamente a comerciantes. Castilho-Westphal et al. (2014) constataram que na baía de Guaratuba, no Pará, as ostras coletadas foram vendidas diretamente para consumidores ou intermediários, visto que grande parte da

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

extração da ostra é feita por encomenda. Os autores enfatizaram que o número de vendas aumenta no período de veraneio (dezembro e janeiro) e feriados nacionais, já que o consumo de ostras está intimamente relacionado ao turismo, uma vez que a grande maioria das pessoas que consome esse marisco o faz em restaurantes e não em casa.

Em relação às mudanças nos últimos dois anos na quantidade, tamanho, qualidade e alteração morfológica (formato ou aparência) da ostra, todos os entrevistados de Mem de Sá mencionaram não ter observado alterações (Tabela 04). Já entre os marisqueiros de Tinharé, 10 relataram ter observado redução na quantidade de ostra, um citou ter percebido aumento e três não notaram alteração da quantidade nos últimos anos (Tabela 04). Em relação às outras variáveis, os mesmos não verificaram mudanças. Segundo Mamede (2012), alterações nos fatores ambientais, de origem natural ou provocada pela ação antrópica, pode causar mudanças na temperatura, salinidade e pH, interferindo, assim, diretamente no processo de crescimento e reprodução das ostras, bem como nas características morfológicas e até mesmo no sabor da carne desses organismos.

**Tabela 04.** Dados sobre as alterações nas ostras e indicação de poluição do estuário do Vaza-Barris em Mem de Sá (2006), Itaporanga D'Ajuda, e Tinharé (2017), São Cristóvão, Sergipe.

Variáveis		Mem de Sá		Tinharé	
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Mudanças na Quantidade de Ostra nos Últimos Dois Anos	Aumento	0	0%	1	7,2%
	Redução	0	0%	10	71,4%
	Sem alteração	10	100%	3	21,4%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Mudanças no Tamanho da Ostra	Sim	0	0%	0	0%
	Não	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Mudanças na Qualidade da Ostra (Sabor da Carne)	Sim	0	0%	0	0%
	Não	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Alteração Morfológica da Ostra (Formato ou Aparência)	Sim	0	0%	0	0%
	Não	10	100%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
Proximidade com Fonte Poluidora	Carcinicultura	10	100%	0	0%
	Indústria	0	0%	0	0%
	Agricultura	0	0%	0	0%
	Área domiciliar	0	0%	14	100%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>
O Rio Vaza-Barris é Poluído	Sim	0	0%	13	92,9%
	Não	10	100%	1	17,1%
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: Os Autores.

Com respeito à proximidade com fontes poluidoras, em Mem de Sá (Tabela 04) todos mencionaram a presença de empreendimentos de carcinicultura local. Para Carvalho e Fontes (2007), a

carcinicultura deve ser desenvolvida de forma sustentável, seguindo normas de manejo adequadas tanto para instalação quanto para operação, com a finalidade de minimizar os impactos ambientais e sociais. Além disso, os autores citaram a necessidade do respeito, principalmente nas áreas onde as populações ribeirinhas tiram seu sustento, como é o caso da ilha Mem de Sá. Em Tinharé os pesquisados frisaram a área domiciliar como possível fonte poluidora devido ao fato de não haver a coleta de lixo em alguns locais do povoado, e os moradores depositam o lixo em áreas próximas ao manguezal (Tabela 04). Lopes & Guedes (2013), em estudo realizado no município de Macaíba (RN), observaram que a comunidade estava consciente dos problemas ambientais que a cercam e dos danos que estes provocam no meio ambiente, o que foi comprovado quando afirmaram que os despejos de esgotos provenientes das residências e a deposição inadequada de lixo são responsáveis pela degradação do ecossistema.

Em relação à poluição do estuário do Vaza-Barris, todos os entrevistados na ilha Mem de Sá acreditam que o rio não é poluído e ainda enfatizam ter a preocupação de cuidar bem do rio, pois é através dele que obtêm seus alimentos (Tabela 04). Já na comunidade de Tinharé, 92,9% dos entrevistados acreditam que o Vaza-Barris é poluído e ainda ressaltam que é perceptível a quantidade de lixo presente nas margens do rio (Tabela 04). Além disso, os marisqueiros se mostraram preocupados, pois têm receio que esse lixo possa prejudicar a saúde do rio e conseqüentemente diminuir o estoque pesqueiro natural. Os dados obtidos para Tinharé assemelham-se aos apresentados por Lopes & Guedes (2013) para o rio Jundiá (Rio Grande do Norte), em que 60% dos pesquisados responderam que sabiam que o rio estava sendo poluído, devido à grande quantidade de lixo às margens e também de esgotos sendo lançados no rio. Segundo Aragão & Melo e Souza (2011), mesmo a comunidade de Mem de Sá estando inserida nas dimensões da Área de Preservação Ambiental (APA) do Litoral Sul do estado de Sergipe, esse contexto pouco tem contribuído no melhoramento da qualidade de vida local e da preservação do ecossistema. Esses autores ainda ressaltaram que a comunidade deve ficar atenta para a construção e implantação dos instrumentos de planejamento, com a finalidade de garantir a efetiva participação comunitária nas políticas ambientais que compreendem o litoral Sul de Sergipe, inclusive na área estuarina do Vaza-Barris. Castilho-Westphal (2012) também constatou, na comunidade da baía de Guaratuba (Paraná), a preocupação dos marisqueiros em relação ao ambiente e à qualidade das ostras coletadas, bem como a valorização do produto e a conquista do cliente que adquire seus produtos.

Nas duas comunidades aqui estudadas os entrevistados descartam as conchas diretamente no manguezal e isso pode trazer graves problemas para esse ecossistema e também para as comunidades. As conchas descartadas em terrenos baldios ou no manguezal podem contribuir para o surgimento de

enfermidades, bem como o mau cheiro provocado pela matéria orgânica em decomposição. Diante disso, as conchas dos mariscos poderiam ser usadas para confecção de artesanatos evitando assim o desperdício desse material, podendo ser uma fonte de renda alternativa para os marisqueiros, inclusive para aqueles com idade mais avançada ou com doenças que impeçam a permanência na atividade. Chierighinia et al. (2011) chamaram atenção para a necessidade de adotar postura diferenciada para aos resíduos de conchas, com a finalidade de tornar a mariscagem uma atividade mais sustentável para o meio ambiente e para os próprios marisqueiros. Os autores ainda destacaram produtos que podem utilizar as conchas como fonte de carbonato de cálcio, como por exemplo, cal virgem, cal hidratada, carga em polímeros, bloco, adubos, pesticidas, rações, entre outros.

Os dados aqui coletados coincidem com os obtidos por Dias, Rosa, & Damasceno (2007) para a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte). Na reserva, a mariscagem também é realizada predominantemente por mulheres e é praticada de 02 a 07 dias por semana. Além disso, os autores constataram que o conhecimento ecológico dos marisqueiros poderá auxiliar nas medidas de conservação, agregação de valor e beneficiamento do marisco, bem como na melhoria da qualidade de vida e das condições ambientais dos manguezais. Igualmente, em estudo realizado por Monteles et al. (2009) para o município de Raposa (Maranhão), averiguou-se que a mariscagem é uma atividade realizada mais pelas mulheres, sendo que grande parte é analfabeta, semianalfabeta e apresentam renda inferior a um salário mínimo. Além do mais, uma significativa parcela sobrevive exclusivamente da cata de mariscos, e outra parcela tem nessa atividade apenas uma complementação em suas rendas. Comparando-se com os resultados obtidos por Evangelista-Barreto et al. (2014) para o município de São Francisco do Conde (Bahia), verificou-se que o perfil socioeconômico das marisqueiras se assemelham aos da ilha Mem de Sá e do povoado Tinharé, principalmente em relação ao baixo nível de escolaridade e renda familiar, embora 68% dos entrevistados não tenham a pesca e/ou mariscagem como a única fonte de renda, diferentemente do que foi visto para Mem de Sá e Tinharé.

Confrontando-se ainda os dados obtidos para o perfil socioeconômico das comunidades Mem de Sá e Tinharé, observou-se semelhança com aqueles obtidos por Nishida, Nordi, & Alves (2008) sobre os aspectos socioeconômico dos catadores de moluscos de comunidades situadas às margens dos estuários do rio Paraíba do Norte. Os autores se depararam com um quadro socioeconômico que revelou situação de miséria e de abandono a que está submetida essa população. Em Mem de Sá e Tinharé a situação não é diferente, nota-se a presença de casas rústicas e pequenas. O baixo grau de escolaridade, o elevado número de membros por família e a baixa renda familiar é uma constante, bem

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

como a carência de programas e ações concretas e eficazes que contribuam para o melhoramento da qualidade de vida e das condições ambientais nessas comunidades. A inexistência de coleta de lixo frequente, principalmente em Tinharé, tem contribuído para que os próprios marisqueiros lancem lixo no manguezal ou em áreas próximas, comprometendo esse ecossistema, colocando em risco sua qualidade ambiental e o seu meio de vida.

Através das análises dos dados, observou-se a importância da exploração dos moluscos para a sobrevivência das pessoas residentes em áreas próximas ao manguezal, como em Mem de Sá e Tinharé, visto que grande parte dos indivíduos sobrevive direta ou indiretamente da coleta desses organismos. Além disso, os dados relacionados aos aspectos socioeconômicos permitiram compreender as condições de vida desses atores sociais. A apreciação dos indicadores socioeconômicos foi feita para cada uma das comunidades separadamente, com a finalidade de comparar posteriormente essas duas comunidades. Com base nestas informações, procurou-se inferir sobre o nível da qualidade de vida das comunidades e sua dependência do extrativismo de ostras. A partir dos dados obtidos nas duas comunidades, verificou-se semelhança no tocante a algumas variáveis, como: renda familiar, escolaridade, horas por dia e dias por semana que praticam a mariscagem, e alterações no tamanho e qualidade da ostra. Santos, Evangelista-Barreto, & Barreto (2017) observaram nos municípios de Valença e Taperoá (Bahia) que os produtores e marisqueiras vivem em condições precárias de moradia e possuem baixo nível de escolaridade, ocorrendo a necessidade de uma organização da cadeia produtiva de moluscos bivalves, uma vez que a baixa renda das marisqueiras é uma resposta à falta de agregação de valor ao produto e à atuação de atravessadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo foram aplicados questionários nas comunidades Mem de Sá e Tinharé com a finalidade de identificar o quadro socioeconômico e compreender a importância da atividade de mariscagem como fonte de alimento e renda familiar para esses atores sociais. Diante disso, foi possível observar similaridade nas respostas dos pesquisados referente a algumas variáveis, como a predominância do gênero feminino, renda familiar, grau de escolaridade, número de filhos e coleta de lixo. Também se notou que, em ambas as comunidades, a mariscagem é uma atividade realizada mais pelas mulheres e que os homens só participam quando não estão exercendo outra atividade. Além disso, verificou-se uma estreita relação entre as precárias condições de vida apresentadas pelas comunidades Mem de Sá e Tinharé, com baixo nível de remuneração e escolaridade, associado à necessidade de realizar a mariscagem como principal fonte de renda familiar ou como complementação da mesma.

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

A presença de empreendimentos de carcinicultura no povoado Mem de Sá é preocupante, pois, dependendo do manejo adotado pelos proprietários dos viveiros de camarões podem causar danos ambientais graves no ecossistema estuarino do Vaza-Barris, inclusive alterar a quantidade e qualidade das ostras. Desta forma, é preciso uma fiscalização mais intensa nesses empreendimentos, para que se instalem e operem em consonância com a legislação vigente e de forma sustentável. Em relação aos impactos causados pelo descarte inadequado das conchas nas comunidades Mem de Sá e Tinharé, pode ser sugerido a confecção de artesanato. Além de trazer benefícios ambientais, seria uma forma de aumentar a renda familiar dessas pessoas, principalmente para aqueles indivíduos cujas condições físicas não permitem mais sua permanência na atividade de mariscagem.

Confrontando-se os dados obtidos para as duas comunidades, fica visível a importância da mariscagem, como principal fonte de renda e alimento dos marisqueiros analisados, mesmo apresentando baixa renda e condições precárias. Essa atividade faz parte da história dessas pessoas, a importância social dessa tradição passada de geração a geração. Além disso, a mariscagem tem contribuído com a economia das comunidades de Mem de Sá e Tinharé. Os dados socioeconômicos obtidos nesse estudo apontam para uma situação de baixa qualidade de vida dos moradores e das condições ambientais nessas comunidades.

Estudos relacionados à dinâmica da população e aos efeitos da sobrepesca dos moluscos, bem como o desenvolvimento de ações com os catadores, são necessários para que ocorra a regulamentação da atividade de catação de moluscos e o aprimoramento no conhecimento dos marisqueiros, visto que os estoques pesqueiros naturais têm diminuído nos últimos anos, conforme relatado pelos entrevistados do povoado Tinharé. Diante do exposto, faz-se necessário um intercâmbio de informações entre o poder público, a comunidade científica e as comunidades tradicionais, para que sejam desenvolvidos projetos e ações eficazes que tornem a mariscagem uma atividade socioeconômica mais sustentável e valorizada.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, G. B. O. 2008. “A Inserção Dos Conjuntos Residenciais Do Programa de Arrendamento Residencial- PAR- Na Zona de Expansão de Aracaju.” Aracaju: Universidade Federal de Sergipe.
- Amaral, Vanessa Simão do. 2010. “Estudo Morfológico Comparativo de Espécies Do Gênero *Crassostrea* (Bivalvia: Ostreidae) Do Atlântico Oeste.” São Paulo: Universidade de São Paulo. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41133/tde-12052010-133953/pt-br.php>.
- Antonio, Ícaro Gomes, Thaís Brito Freire, Hugo Moreira Gomes, and Thalison da Costa Lima. 2019. “Produção de Ostra Nativa Em Primeira Cruz – MA.” *Revista Práticas Em Extensão* 3 (1): 27–41.
- Aragão, Míria Cássia Oliveira, F. F. Curado, and Rosemeri Melo e Souza. 2010. “Relações

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

Socioambientais Na Comunidade Pesqueira Mem de Sá, Sergipe.” In *Anais Do V Encontro Nacional Da Anppas*, 1–13. Florianópolis.

- Aragão, Míria Cássia Oliveira, and Rosemeri Melo e Souza. 2011. “O Cotidiano Da Pesca Artesanal Na Ilha Mem de Sá-Itaporanga D’Ajuda.” In *1º Seminário Espaço Costeiro*, 1–9.
- Bernard, H. Russell. 1995. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*. 2nd ed. Walnut Creek: Altamira Press.
- Caetano, Hugo Silva. 2014. “Da Ocupação Do Território: Práticas e Interações Entre Marisqueiras No Ambiente Pesqueiro.” *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental* 3 (2): 204.  
<https://doi.org/10.19177/rgsa.v3e22014204-222>.
- Carvalho, M. E. S., and A. L. Fontes. 2007. “A Carcinicultura No Espaço Litorâneo Sergipano.” *Revista Da Fapese* 3 (1): 87–112.
- Castilho-Westphal, Gisela Geraldine. 2012. “Ecologia Da Ostra Do Mangue *Crassostrea* Brasileira (Lamarck, 1819) Em Manguezais Da Baía de Guaratuba-PR.” Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Castilho-Westphal, Gisela Geraldine, Giorgi Dal Pont, Aline Horodesky, and Antonio Ostrensky. 2014. “Comunidades Ribeirinhas Extrativistas e a Exploração de Bancos de Ostras Do Mangue *Crassostrea* Sp., Na Baía de Guaratuba - Paraná, Litoral Sul Do Brasil.” *Bioscience Journal* 30 (5 (Supplement 2)): 912–23.
- Cavalcante, Aniram Lins. 2011. “A Arte Da Pesca: Análise Socioeconômica Da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia.” Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz.
- Chierighinia, D., R. Bridib, A. A. Rochac, and K. R. Lapad. 2011. “Possibilidades Do Uso Das Conchas de Moluscos.” In *3rd International Workshop in Advances in Cleaner Production*, 1–5. São Paulo.
- Cidreira-Neto, Ivo Raposo Gonçalves, Marília Lacerda Barbosa Fragoso, and Gilberto Gonçalves Rodrigues. 2019. “Pesca Artesanal Do Marisco No Litoral Paraibano: Relações Socioambientais e Tecnologias Sociais.” *Revista de Geografia* 36 (1): 97–109.
- Costa, Beatriz Souza, and Angélica Cristiny Ezequiel de Avelar Teixeira. 2017. “Sociedades Tradicionais, Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente: Reflexões Sobre a Sustentabilidade Como Valor Constitucional.” *Revista Direito Ambiental e Sociedade* 7 (2): 145–67.
- CPRM. 2019. “Estado de Sergipe.” Serviço Geológico do Brasil - CPRM. 2019.  
<http://www.cprm.gov.br/publique/Geologia/Geologia-Basica/Estado-de-Sergipe-395.html>.
- Curado, Fernando Fleury, Wilson Teles Barbosa Segundo, Breno Aurélio Camilo Santos, Ivaldo Pereira de Sousa Júnior, Izabela Melo Ribeiro, and Lanna Cecília Lima de Oliveira. 2009. “Gestão Participativa Para o Desenvolvimento Sustentável Da Comunidade Ilha Mem de Sá, Itaporanga D’Ajuda, Sergipe.” *Cadernos de Agroecologia* 4 (1): 2015–17.
- Daltro, Ana Cleusa Santana. 2013. “Aspectos Socioeconômicos e Qualidade Dos Moluscos Bivalves Através Do Monitoramento Microbiológico e Genético.” Cruz das Almas: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- Dias, Thelma Lúcia Pereira, Ricardo de Souza Rosa, and Luis Carlos Pereira Damasceno. 2007. “Aspectos Socioeconômicos, Percepção Ambiental e Perspectivas Das Mulheres Marisqueiras Da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta Do Tubarão (Rio Grande Do Norte, Brasil).” *Gaia Scientia* 1 (1): 25–35.
- Evangelista-Barreto, Norma Suely, Ana Cleusa Santana Daltro, Irana Paim Silva, and Fernanda de

- Sousa Bernardes. 2014. “Indicadores Socioeconômicos e Percepção Ambiental de Pescadores Em São Francisco Do Conde, Bahia.” *Boletim Do Instituto de Pesca* 40 (3): 459–70.
- Freitas, Simone Tupinambá, Paulo Augusto Zaitune Pamplin, Jefferson Legat, Fabíola Helena dos Santos Fogaça, and Roseli Farias Melo de Barros. 2012. “Conhecimento Tradicional Das Marisqueiras de Barra Grande, Área de Proteção Ambiental Do Delta Do Rio Parnaíba, Piauí, Brasil.” *Ambiente & Sociedade* 15 (2): 91–112. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000200006>.
- Furtado, Lourdes Gonçalves, Ivete Herculano do Nascimento, Graça Santana, and Maria Cristina Maneschy. 2006. “Formas de Utilização de Manguezais No Litoral Do Estado Do Pará: Casos de Marapanim e São Caetano de Odivelas.” *Amazônia: Ciência & Desenvolvimento* 1 (2): 113–27.
- Gomes, Carlos Henrique Araujo de Miranda. 2009. “Ciclo Reprodutivo Da Ostra Crassostrea Brasiliana (Lamarck, 1819) Em Cultivo e Maturação Em Laboratório.” Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Jesus, Rosenaide Santos, and Catherine Prost. 2011. “Importância Da Atividade Artesanal de Mariscagem Para as Populações Nos Municípios de Madre de Deus e Saubara, Bahia.” *GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)*, no. 30 (April): 123. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74236>.
- Lopes, Rejane Batista, and Josiel de Alencar Guedes. 2013. “PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS PESCADORES NO MUNICÍPIO DE MACAÍBA – RN.” *Ateliê Geográfico* 7 (3): 149–63. <https://doi.org/10.5216/ag.v7i3.19505>.
- Maciel, M. A. 1991. *O Manguezal Em Equilíbrio*. Porto Alegre: Artmed.
- Maia, Maria Bernadete Reis. 2009. “Do Defeso Ao Seguro Desemprego Do Pescador Artesanal: A Inclusão Do Pescador Nas Políticas Públicas de Seguridade Social.” Manaus: Universidade Federal do Amazonas.
- Mamede, Tainã Cádija Almeida de. 2012. “Biomonitoramento Por Crassostrea Rhizophorae (Guilding, 1928) e Percepção de Risco Socioambiental Na Baía de Todos Os Santos, Bahia.” Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Melo, Maria José Batista Bezerra de. 2015. “As Relações de Gênero No Trabalho e Na Organização Social e Política Das Mulheres Marisqueiros Da Ribeira Na Paraíba.” Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Menezes, A. M. F., and M. F. H. Campos. 2014. “Práticas Extensionistas Para o Desenvolvimento Social: Uma Análise Das Marisqueiras Da Comunidade de Mangue Seco Em Valença (BA).” *Raízes e Rumos* 2 (1): 19–31.
- Monteles, Josinete Sampaio, Izabel Cristina Silva Almeida Funo, Tatiana Cristina Santos de Castro, Daniela Cristina Pires Viana, Franceleide Soares Conceição, and Victor Lamarão de França. 2009. “Percepção Socio-Ambiental Das Marisqueiras No Município de Raposa, Maranhão, Brasil.” *Revista Brasileira de Engenharia de Pesca* 4 (2): 34–45. <https://doi.org/https://doi.org/10.18817/repesca.v4i2.141>.
- Nascimento, Sandra Carla Oliveira do, and Rogério César Pereira de Araújo. 2007. “Diagnóstico Socioeconômico de Duas Comunidades Ribeirinhas Do Rio Coreáú, Estado Do Ceará, Brasil.” *Revista Brasileira de Engenharia de Pesca* 2 (Especial): 69–78.
- Nishida, Alberto Kioharu. 2000. “Catadores de Moluscos Do Litoral Paraibano. Estratégias de Subsistência e Formas de Percepção Da Natureza. São Carlos, SP.” São Carlo: Universidade

Federal de São Carlos.

- Nishida, Alberto Kioharu, Nivaldo Nordi, and Rômulo Romeu da Nóbrega Alves. 2008. "Aspectos Socioeconômicos Dos Catadores de Moluscos Do Litoral Paraibano, Nordeste Do Brasil." *Revista de Biologia e Ciências Da Terra* 8 (1): 207–15.
- Nogueira, Laita Santiago. 2013. "Trabalho Na Lama: Uma Etnografia de Marisqueiras Em Duas Comunidades Tradicionais Pesqueiras Do Baixo Sul Baiano." *Revista Ouricuri* 3 (1): 81–96.
- Oliveira, Jônata Fernandes de, José Luís Costa Novaes, Antônio Luiz Nogueira de Moraes Segundo, and Danielle Peretti. 2016. "Caracterização Da Pesca e Percepção de Pescadores Artesanais Em Uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável No Nordeste Brasileiro." *Natureza Online* 14 (1): 48–54.
- Oliveira, Josevânia de. 2019. "Avaliação Das Condições Ambientais Do Estuário Do Rio Vaza-Barris (Sergipe) Como Uso de *Crassostrea Brasiliana* (Lamarck, 1819)." São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe.
- Perazzo, Sandra Maria Valdivino. 2012. "Impactos Ambientais Provocados Pela Atividade de Maricultura." *Revista Dos Mestrados Profissionais* 1 (1): 157–78.
- Pereira, Tatiana de Jesus Ferreira, Antonio Carlos Leal de Castro, Helen Roberta Silva Ferreira, Leonardo Silva Soares, Marcelo Henrique Lopes Silva, James Werllen de Jesus Azevedo, Victor Lamarão de França, and Michelly dos Santos Moreira. 2018. "Extrativismo de Mariscos Na Ilha Do Maranhão (MA): Implicações Ecológicas e Socioeconômicas." *Revista de Políticas Públicas* 21 (2): 831. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v21n2p831-854>.
- Ribeiro, Eliane Braga, Luciana Da Silva Bastos, Zafira Da Silva de Almeida, Raimunda Nonata Fortes Carvalho Neta, and Francisca Neide Costa. 2017. "Perfil Socioeconômico Dos Marisqueiros e Condições Higiênicas Adotadas Na Cadeia Produtiva de Ostra (Mollusca, Bivalvia)." *Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia Da UNIPAR* 19 (4). <https://doi.org/10.25110/arqvet.v19i4.2016.6098>.
- Santos, Amaury da Silva dos, Lanna Cecília Lima Oliveira, Fernando Fleury Curado, and Lucas Amorim. 2013. "Caracterização e Desenvolvimento de Quintais Produtivos Agroecológicos Na Comunidade Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda-Sergipe." *Revista Brasileira de Agroecologia* 8 (2): 100–111.
- Santos, Carlos Alberto Muylaert Lima dos. 2006. "A Qualidade Do Pescado e a Segurança Dos Alimentos. Anais Do Simpósio de Controle Do Pescado." In *I Simpósio de Controle Do Pescado (SIMCOPE)*.
- Santos, Marcos Antônio Souza dos. 2005. "A Cadeia Produtiva Da Pesca Artesanal No Estado Do Pará: Estudo de Caso No Nordeste Paraense." *Amazônia: Ciência e Desenvolvimento* 1 (1): 61–81.
- Santos, Sandra Soares dos, Norma Suely Evangelista-Barreto, and Leopoldo Melo Barreto. 2017. "Cadeia Produtiva de Ostras No Baixo Sul Da Bahia: Um Olhar Socioeconômico, de Saúde Pública, Ambiental e Produtivo." *Acta of Fisheries and Aquatic Resources* 5 (1): 10–21.
- Siqueira, Karyne Lemos Farias. 2008. "Avaliação Do Sistema de Cultivo de Ostra Do Gênero *Crassostrea* (Sacco, 1897) No Estuário Do Rio Vaza-Barris (Sergipe)." Aracajú: Universidade Tiradentes.
- Torres, Ronilse Pereira de Aquino. 2014. "O Sentido de Ser Pescador: Signos e Marcas No Povoado Pedreiras-São Cristóvão/SE." São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe.
- Vannucci, Marta. 1999. *Os Manguezais e Nós: Uma Síntese de Percepções*. São Paulo: Editora da Universidade

Josevania de Oliveira; Edilma de Jesus Andrade; Rosemeri Melo e Souza

de São Paulo.

Vasconcelos, Laiane Conceição de, Maria Lúcia Machado Aranha, and Séphora Vanessa Nascimento Lima. 2012. "Trabalho, Meio Ambiente e Saúde Em Comunidades Marisqueiros de Sergipe." In *Anais Do VI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade,"* 1–14. São Cristóvão.

Walter, Tatiana, J. Wilkinson, and P. de A. Silva. 2012. "A Análise Da Cadeia Produtiva Dos Catados Como Subsídio à Gestão Costeira: As Ameaças Ao Trabalho Das Mulheres Nos Manguezais e Estuários No Brasil." *Revista de Gestão Costeira Integrada* 12 (4): 483–97.

## Socioeconomic Aspects of Oyster Fishing in Mem de Sá and Tinharé Communities, Vaza-Barris River, Sergipe

### ABSTRACT

This study identifies the socioeconomic aspects of Mem de Sá (Itaporanga D'Ajuda) and Tinharé (São Cristóvão) oyster fishermen communities, Sergipe. As part of the research design, semi-structured questionnaires were applied in both communities (snowball method). Based on the data collected, we observe the presence of small and rustic houses, low level of schooling, high number of family members in a household, low family income and irregular garbage disposal in Mem de Sá and Tinharé. In addition, oyster fishing is mostly performed by women and it is practiced two to seven days per week. This activity contributes to the economy of Mem de Sá and Tinharé communities. Nevertheless, the results indicate poor environmental conditions in these communities and a low quality of life of their residents. It is necessary to interchange information amongst the local government, academic community and traditional nearby communities, so that together they might develop effective policies that turn the oyster fishing activity more sustainable and socioeconomically valued.

**Keywords:** Mangrove; Traditional Communities; Oyster Fishing; Oyster Fishermen.

Submissão: 10/07/2018

Aceite: 27/11/2019